

Médicos criticam setor hospitalar

A radiografia do Sindicato dos Médicos do Distrito Federal sobre a complexa rede de deficiências do Sistema de Saúde do DF não é menos extensa e pessimista do que a feita pelo secretário de Saúde, Laercio Valença. Um meticoloso relatório que levanta pormenorizadamente as condições gerais de todos os hospitais regionais e do Plano Piloto, assim como os dos Postos de Saúde, embora tenha sido feito no início de 1986, por ocasião da greve dos médicos em março desse ano, apresenta o verdadeiro quadro do Sistema de Saúde do DF.

Segundo o relatório, as deficiências estão em todos os níveis: da área de recursos humanos à material permanente e de consumo, passando pela área física. Rigorosamente, não existe, hoje, qualquer unidade da rede hospitalar da cidade que não registre deficiências e necessite de urgentes soluções para seus problemas. O relatório especifica que "a baixa remuneração proporcionada pela Fundação, leva o médico a procurar outros

empregos, comprometendo a qualidade da assistência prestada ao povo".

Um dos dados que o relatório considera mais greve é o déficit de pessoal técnico que "chega a proporções gritantes, como na Ceilândia, onde esse índice chega a quase 30%. Faltam médicos tanto para as áreas básicas como para determinadas especialidades, o que leva as regionais ao recurso das remoções, muitas vezes de forma arriscada".

O sindicato cita em seu relatório que o desestímulo gerado pela crise generalizada no Sistema de Saúde, faz com que os médicos adotem a demissão da FHDF como uma solução para os baixos salários.

No setor de materiais permanentes a carência e o desgaste "chegam a níveis impressionantes: materiais básicos como estetoscópios, atóscopios, desfibriladores ou tensiômetros faltam em praticamente todas as unidades ou estão em precário estado de conservação.